

Discurso religioso acerca do autismo: forças centrípetas e centrífugas em interações no *Instagram*

Religious discourse about autism: centripetal and centrifugal forces in interactions on Instagram

Jucileide Maria Oliveira Cândido¹
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
jucileide.candido1@professor.pb.gov.br

Manassés Morais Xavier²
Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
manassesmxavier@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo analisa sob a perspectiva da atuação das forças centrípetas e centrífugas uma cena enunciativa em que Pr. Washington Almeida tem fala capacitista percebida em enunciado da esfera religiosa que evidencia cosmovisões do segmento cristão evangélico acerca do autismo. Para tanto, selecionamos na plataforma *Instagram* no *@autismobr* um vídeo que replica uma cena enunciativa do supracitado pastor, bem como réplicas de internautas sobre o posicionamento/ato do líder religioso. A reflexão teórico-metodológica fundamenta-se na Teoria Dialógica da Linguagem (TDL) do Círculo de Bakhtin, sobretudo, nas considerações quanto às relações dialógicas, às vozes e às forças centrípetas e centrífugas. Também nos ancoramos em estudos sobre inclusão da pessoa com deficiência e discurso religioso. Esta análise indicou que o discurso religioso do pastor reflete e refrata uma cosmovisão cristã que revela a compreensão de que a deficiência é resultado da “condenação divina”, o que pode sugerir consumação do pecado. Entretanto, os comentários dos internautas apresentam movimentos de centralização e descentralização em relação a essa perspectiva cristã.

Palavras-chave: TDL; Forças centrípetas e centrífugas; Autismo; Discurso religioso.

ABSTRACT: This article analyzes, from the perspective of the action of centripetal and centrifugal forces, an enunciative scene in which Priest Washington Almeida has an ableist speech perceived in an utterance in religious context that might highlight worldviews of the Evangelical Christian Segment regarding autism. To this end, we selected a video from the profile *@autismobr*, on the Instagram platform, that replicates an enunciative scene from the aforementioned minister as well as the answers of internet users about the position of the religious leader. The theoretical-methodological reflection is based on the Dialogical Theory of Language (TDL) from Bakhtin's Circle and, above all, on the considerations regarding dialogical relationships, voices, and centripetal and centrifugal forces.

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Campina Grande junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino. Professora de Língua Portuguesa do quadro permanente da Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade de Campina Grande. Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande.

We are also anchored in studies about inclusion of people with disabilities and religious discourse. The analysis of this work indicates that the pastor's religious discourse reflects and refracts a Christian worldview that reveals the understanding that disability is the result of a “divine condemnation”, which may suggest the consummation of sin. However, the internet users' comments present movements of centralization and decentralization regarding to this Christian perspective.

Keywords: DTL; Centripetal and centrifugal forces; Autism; Religious discourse.

Considerações iniciais

Nas mais diversas esferas da atividade humana, historicamente as pessoas com deficiência³ sofrem com cosmovisões que tentam explicar a sua causa. Recentemente com a crescente do número de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA⁴), há uma busca incessante para justificar o que provoca essa condição neurológica. Entretanto, para além da esfera científica, o discurso religioso, materializado nas vozes de seus representantes, tem movimentado as redes sociais digitais, as quais também funcionam como um suporte para o discurso midiático na sociedade contemporânea, tendo em vista que por meio delas circulam discursos de produtores independentes, engajando pessoas e chamando-as a se posicionar diante do assunto. Se por um lado as cosmovisões refletem visões de mundo carregadas de crenças, valores, princípios e perspectivas sobre a realidade no que se refere à existência humana, à natureza, à moralidade e ao propósito da vida, por outro trazem axiologicamente práticas segregacionista⁵ e capacitistas⁶.

No anseio por analisar essas práticas discursivas no campo da esfera religiosa, tomaremos os conceitos das forças centrípetas e centrífugas, as quais permitiram perceber as nuances linguísticas que tanto podem indicar comportamentos de unificação quanto cisão de visões. Desse modo, objetivamos, no presente estudo, investigar essa atuação fenomenológica de tensão discursiva, em uma cena enunciativa⁷ replicada no *Instagram* @autismobr, cuja conta trata sobre TEA, página administrada por Fernando Giovannelli, autista e católico, que pela sua condição, ocupa lugar de fala. A cena enunciativa em questão se passou em Tucuruí-PA, no vídeo amplamente divulgado em redes sociais digitais, gravado no dia 12 de julho de 2024, durante a celebração em que se comemorava os 90 anos da Assembleia de Deus. Na ocasião o Pr. Washington Almeida⁸ (@pr.washingtonalmeida), que se intitula como “Pastor Itinerante e

³ O autismo, para todos os fins legais, é considerado deficiência.

⁴ Para fins de fluidez linguística, bem como ampliação de vocabulário, outros termos que referenciam o TEA, serão lançados, haja vista que nosso intuito também é tornar o assunto mais acessível a outras comunidades científicas, quais sejam: autismo, espectro, neurodivergente, neuroatípico.

⁵ Expressão que indica a ação e o efeito de separar, marginalizar ou afastar seres humanos e costuma ser motivada por questões sociais, culturais ou políticos. Segue o link do conceito sociológico: <https://conceito.de/segregacao>. Acesso em: 23 maio 2025.

⁶ Esse termo indica a discriminação ocorrida por meio de determinados tratamentos, tais como: formas de comunicação, práticas, barreiras físicas e arquitetônicas que impedem o pleno exercício da cidadania dessas pessoas. Ele é caracterizado, principalmente, quando se pressupõe que alguém é incapaz apenas pelo fato de possuir alguma deficiência. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/capacitismo-o-que-e-como-combater-e-por-que-e-tao-importante-falar-sobre-o-tema>. Acesso em: 23 maio 2025.

⁷ Segue link de acesso à postagem: <https://www.instagram.com/p/C9hfyRKRLNv/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

⁸ Também para fins de fluidez na leitura, alternaremos o substantivo “Washington Almeida” pelos seguintes léxicos de palavras de mesma função, a saber: pastor, pastor itinerante, Ps. Almeida, Líder religioso.

Guardião do Altar”, afirmou, dentre outras colocações, que “[...] o diabo está visitando o ventre das desprotegidas [...]” sugerindo ser essa a causa do autismo, bem como inferindo a ideia de castigo. Destacamos que ao julgarmos o fato dele ser um pastor itinerante, por si só, já se trata de uma pessoa reconhecida e legitimada, conferindo a ele a responsabilidade pela propagação do que fala.

Salientamos ainda que estudar sobre o espectro autista é o grande desafio de nosso tempo e que, ao passo que estudamos os comportamentos linguísticos, inferindo os seus aspectos discursivos, estamos colaborando para desmitificar visões que em nada edificam a compreensão sobre o assunto, uma vez que alguns discursos propagam distorções nocivas para toda uma sociedade impactada. Reis et al. (2020) tratam a respeito de vários transtornos do neurodesenvolvimento, mas para fins específicos deste empreendimento, resgatamos os dados referentes ao autismo, no qual os autores revelam-no como um dos transtornos mais comuns e mais identificados já na infância, sendo, portanto, sua incidência em torno de cerca 2 a 4% da população mundial, com a prevalência de 3:1 tanto entre meninos como meninas. Tais dados convidam-nos a pensar que não se trata de trazer evidência ao assunto, porém de dar o seu devido valor, uma vez que é uma demanda do nosso século. Cumpre ressaltar, sobretudo, que esta pesquisa não pretende agravar qualquer religião ou promover qualquer vantagem em desfavor de qualquer outra, mas de analisar eventos que marginalizam a pessoa neurodivergente.

Para suprir as necessidades teóricas da linguagem, recorremos ao Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011 [1979]; 2015 [1895-1975]; 2020 [1985]; Volóchinov, 2018 [1929]; 2019 [1930]) uma vez que esses estudiosos se debruçam sobre reflexões que compreendem a língua sob a perspectiva dialógica em que a história e o entorno social são contributos prementes para a análise das práticas discursivas que emergem dialogicamente entre as vozes dos sujeitos. Além disso, a discussão está fundamentada nas considerações de estudiosos que refletem sobre a inclusão das pessoas com deficiência, por haver escassez de estudos que correlacionem as frentes deficiência e discurso religioso, (Aranha, 2001; Santiago, 2011; Martins, 2015; Costa, 2018), do discurso religioso na perspectiva dialógica (Francelino, 2019; Nascimento, 2019) dentre outros estudiosos.

No que tange à perspectiva metodológica, lançamos mãos dos mesmos estudiosos do Círculo de Bakhtin, mas agora numa ótica linguístico-filosófica, especialmente, nas literaturas que enfatizam dialogismo, ou seja, nas interações discursivas, as quais tratam das relações dialógicas entre os discursos e suas axiologias que descortinam seus atos responsivos diante do assunto em questão.

Este artigo segue a seguinte composição organizacional para além da introdução: trouxemos, inicialmente, um breve histórico sobre a relação da religião frente às deficiências, na sequência conduzimos para uma análise mais atual no âmbito legislativo para que possamos situar o leitor que por vez não se veja implicado pelo assunto e posteriormente levantamos discussões do Círculo Bakhtin que fomentam os conceitos explorados sempre correlacionando com discurso religioso. E seguindo o protocolo de produção científica, partiremos para a metodologia, posteriormente, para a análise do *corpus*, por fim, as considerações finais.

Mas o que as crenças têm a ver com isso?

Historicamente, as pessoas com deficiência sofreram inúmeros obstáculos impostos socialmente. Sobre isso, a título de exemplo, algumas sociedades ancestrais, tais como gregos e romanos, eliminavam pessoas que apresentavam ausência de membros, ou membros com algum tipo de comprometimento, sob a justificativa de que eles estavam impedidos de colaborar com as atividades coletivas, essenciais à sobrevivência e à proteção pessoal e comunitária. Vale ressaltar que os gregos primavam por um padrão estético, cultivando as perspectivas de virtudes heroicas, assim os que não nasceram dentro dessa designação imposta naquela sociedade não eram dignos de almejar uma vida humana em sua totalidade, sendo impedidos de servir à pólis (Martins, 2015). Além dessas sociedades, os romanos também exterminavam as pessoas com deficiências, porém os filhos dos favorecidos economicamente não sofriam execução, contudo eram afastados do convívio social (Santiago, 2011).

Ademais, é preciso rememorar que somente depois do cristianismo essas pessoas são consideradas criaturas de Deus, reduzindo drasticamente o extermínio como aponta Aranha (2001, p. 3) ao dizer que a partir do “advento do cristianismo, a situação se modificou, pois todos passaram a ser igualmente considerados filhos de Deus, possuidores de uma alma e, portanto, merecedores do respeito à vida e a um tratamento caridoso”. Entretanto, o que parecia maravilhoso, ainda era uma postura questionável da sociedade à época, uma vez que a partir desse momento estas pessoas estavam fadadas à própria sorte, contudo com a validação da igreja com a validação da igreja que conduzia a discussão de que esses indivíduos tinham marcas do castigo divino advindos dos pecados e sofriam com o “aprisionamento e açoitamento, para expulsão do demônio” (Tompsonski; Lachman; Bortolin, 2019, p. 25).

Na modernidade, houve uma outra mudança de perspectiva a qual explicava a deficiência enquanto uma disfunção orgânica, contudo digna de recuperação e normatização

para então ser integrada novamente ao convívio social (Santiago, 2011). Nesse quesito, entender que as pessoas com deficiência precisavam de recuperação e normatização⁹ vai de encontro a todas as perspectivas atuais de inclusão. Contudo, segundo Ribeiro (2019):

A falta de informações a respeito da condição que produz cientificamente um estado de deficiência faz surgir lacunas para explicar o fenômeno. Isso leva as religiões a tentar explicar o fato. Desse modo, a religião legitima a marginalização da pessoa com deficiência, em torno de um discurso de castigo, doença, caridade e pecado, mas também abre um possível caminho para a inclusão (Ribeiro, 2019, p. 26).

O apontamento de Ribeiro (2019) pode explicar a lacuna entre a compreensão religiosa e a científica a respeito de qualquer pessoa atípica, logo não há o que recuperar ou normatizar, no sentido generalizado do termo, pois são corpos individuais e naturalmente existentes. A autora, mais tarde, evidencia também que, mesmo com uma proposta de inclusão, o que se observa é uma tendência por construir um discurso em torno “de aspectos de caridade e assistencialismo”, em que ela traz mais uma implicação a respeito desse comportamento, uma vez que não emancipa a pessoa com deficiência, logo “a inclusão trata de uma perspectiva de menos caridade e piedade, além de mais ampliação de reconhecimento de direitos e um olhar menos preconceituoso e indiferente” (Ribeiro, 2019, p. 27).

Nesse sentido, a luta por equidade de direitos, como demonstrado, é de longa data, entretanto, as barreiras impostas pelos discursos religiosos, dentre outras, ainda a tornam mais difícil, pois o que se busca com a inclusão não é o fortalecimento de visões alimentadas pelos discursos de caridade e assistencialismo. Incluir socialmente significa também agregar valor, porque, de fato, perspectivas distorcidas dessa população só as afastam do mercado de trabalho e dos contributos científicos que primam pelo desenvolvimento do coletivo. Na contramão da história, perceber as pessoas com deficiência como indispensáveis para o desenvolvimento de um país é, acima de tudo, contrariar um passado que exterminava essa população, compreendendo-a como dispensáveis.

Barros e Maliska (2023, p. 143) promovem uma discussão acerca das barreiras enfrentadas por esse coletivo frente à sociedade:

[...] as pessoas com deficiência enfrentam uma série de barreiras à participação na sociedade. Estas podem incluir barreiras físicas, tais como edifícios ou sistemas de transporte inacessíveis, bem como barreiras comportamentais, tais como discriminação ou estigma (Barros; Maliska, 2023, p. 143).

⁹ Palavra tomada no sentido de consertar.

Ao levantar categorias de como são definidas as deficiências, os autores descortinam três possibilidades encontradas na revisão bibliográfica, quais sejam: o modelo médico (focado no diagnóstico, sem preocupar-se com as adaptações ambientais necessárias), o modelo social (percebe a deficiência como resultado das barreiras sociais e discriminatórias, impedindo o pleno exercício de cidadania) e o modelo cultural (compreendendo a deficiência como parte da diversidade humana, portanto, digna de celebração). Esses modelos, ao passo que explicam, não se complementam e não respondem a todas as indagações no que diz respeito à definição propriamente dita (Barros; Maliska, 2023). Às palavras dos autores, destacamos as barreiras pertinentes a políticas públicas, as quais serão sinteticamente apresentadas a seguir.

História recente sobre o autismo no Brasil: avanços e retrocessos

É imperativo destacar que, segundo o aparato da LEI Nº 12.764 “§ 2º, a pessoa com TEA é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais” (Brasil, 2012), nesse sentido, esclarecemos, pois, que o autismo não é considerado uma deficiência no que tange às condições físicas, mas, por ser um transtorno assim como define a sigla TEA, aos comprometimentos que atingem algumas áreas da vida. Ressaltamos também que não é uma doença, tendo em vista que não há a necessidade de cura, trata-se de um modo de funcionamento cerebral atípico. De acordo com Ortega (2009), apesar de haver controvérsias dentro da própria comunidade autista no que diz respeito a ser considerado ou não doença, uma parcela da comunidade autista também comunga desse pensamento, mas:

[...] o conceito ‘neurodiversidade’ tenta salientar que a ‘conexão neurológica’ (*neurological wiring*) atípica (ou neurodivergente) não é, como vimos, uma doença a ser tratada e se for possível curada. Trata-se antes de uma diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças (sexuais, raciais, entre outras). Eles são ‘neurologicamente diferentes’, ou ‘neuroatípicos’ (Ortega, 2009, p. 72, grifo do autor).

Por esse motivo nos associamos também ao explanado por Vygotsky (2022 [1983]) em suas discussões, as quais discorrem a respeito da deficiência (aqui ele falou no âmbito geral de todas as deficiências) ser um aspecto possível de acontecer no desenvolvimento humano, o que representou um salto qualitativo nas formas de conceber e/ou mesmo tratar as pessoas com deficiência na sociedade, significando um acentuado favorecimento para as noções de inclusão social na atualidade. A maneira como Vygotsky compreendeu as deficiências trouxe

perspectivas positivas, uma vez que ele contrariou o modelo hegemônico daquela época que relacionava deficiência à defeito, desconsiderando as potencialidades de cada indivíduo. Nesse sentido, a visão do estudioso se revelou um salto qualitativo por entender a deficiência como algo construído e mediado socialmente. Assim, ao considerarmos as potencialidades já não damos ênfase a deficiência, mas aos potenciais de cada indivíduo, entendendo-o como contribuinte no desenvolvimento da sociedade e, conseqüentemente, incluindo-o nela.

Quando se fala sobre autismo, fala-se de acompanhamento transdisciplinar e multidisciplinar em que o objetivo não é a cura (pois não é doença), mas o desenvolvimento de suas potencialidades, deixando-o mais funcional possível, favorecendo o trabalho de sua autonomia, permitindo o desenvolvimento do melhor que ele pode ser. No que tange a essa complexidade, o documento **Linhas de Cuidados para Atenção para Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde** (Brasil, 2015, p. 30) explica esse impasse como sendo uma forma de minimizar os estigmas, mas também compreendê-lo nas suas limitações e necessidades de apoio diante de eventuais respaldos jurídicos:

Pessoas com TEA, especialmente aquelas identificadas com a síndrome de Asperger, preferem que a sua condição seja entendida como uma diferença e não como uma patologia psiquiátrica ou uma deficiência, pois isso reduz o estigma e aumenta suas oportunidades de inserção social. Por outro lado, o reconhecimento de sua condição como uma patologia e/ou uma deficiência permite o seu acesso a serviços e recursos. Ambos os aspectos são legítimos e devem ser considerados no debate público (Brasil, 2015, p. 41).

Perceba, entretanto, que somente uma leitura discursiva do assunto permite a total compreensão dessa dubiedade, logo não é possível conceber somente pela perspectiva da biomedicina, é preciso evocar análises sob dois vieses, o histórico individual e o histórico social, percepções encontradas em pesquisas que consideram as subjetividades linguísticas. Destacamos ainda que nos situamos a partir da definição trazida pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI), cujo documento foi construído com colaboração de parte da sociedade que lida direta ou indiretamente com o assunto:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (Brasil, 2015, art. 2º).

Tal definição, também explica por que essa neurodivergência é considerada, para fins legais, uma deficiência. Perceba que, para ser considerado uma deficiência, o indivíduo seja obstruído de sua participação plena, então para que uma pessoa seja considerada dentro do espectro, de maneira mais genérica, ela deve apresentar dificuldades que envolvem a interação social, a comunicação e a comportamentos repetitivos ou restritivos, sendo, portanto, impedida por essas especificidades de exercer, em algum nível, plenamente sua cidadania com igualdade de condições com relação aos seus pares. Essa peculiaridade nos leva a pensar o quão é importante pesquisas em humanidades que levem em conta esse público, haja vista que, conforme atentou Mata (2018, p. 376):

Embora sejam importantes as pesquisas sobre a deficiência realizadas na perspectiva biomédica, a ausência de pesquisas na área das humanidades, na perspectiva do modelo social da deficiência, pode contribuir para reforçar os estigmas sociais que alimentam os processos de exclusão nos mais diferentes setores da sociedade.

Assim, como Mata (2018), compreendemos como o avanço nas pesquisas dentro do campo das humanidades, é possível reverter quadros de ignorância sobre o tema, bem como ajudar a combater visões distorcidas, afastando as pessoas com essas condições neurológicas do convívio social, em específico, de ambientes que permitam tais indivíduos de professar a sua fé. Considerado o aspecto da interação social impactando diretamente na comunicação do TEA, como analista do discurso, temos o papel social de analisar os discursos atravessados que circundam visões segregacionistas e nocivas às pessoas que são acometidas por essa condição neurológica. Além disso, o Círculo de Bakhtin também entende a linguagem enquanto principal meio para o exercício pleno das atividades humanas, o que torna imprescindível a análise de interações sociais em torno do assunto, porque “[...] tão determinante quanto às características corporais, com suas limitações, incapacidades, funcionalidades ou potencialidades, é a leitura social feita dessa condição, é o olhar do outro e o sentido atribuído a ela” (Meletti, 2013, p. 14) que pode nos ajuda a mitigar as dificuldades enfrentadas por essa comunidade, a qual tem seu principal meio de comunicação (a interação/ a linguagem), prejudicada neurologicamente pelo autismo. Desse modo, a leitura social materializada pelas instituições religiosas, as quais, em muitas situações, configuram-se como refúgio para minimizar as dores da existência humana, precisam ser analisadas e percebidas até que ponto elas cumprem os anseios de quem busca naquele ambiente conforto.

Como já dito anteriormente tudo que diz respeito ao TEA, atualmente, encontra-se em uma crescente, de tal modo que foi sancionada no dia 18/07/2019 a Lei 13.861/19, a qual obriga

o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a inserir, a partir da data de sua publicação, um questionário direcionado às famílias entrevistadas que levantam informações acerca da quantidade de pessoas diagnosticadas no espectro. Muito embora a lei tenha sido impulsionada pelo poder legislativo da Câmara dos Deputados que estimava um total de 70 milhões de pessoas autistas no mundo, sendo 2 milhões delas no Brasil (Brasil, 2020), foram os pais e a comunidade autista brasileira que reivindicaram e articularam para que isso se efetivasse.

No que diz respeito às controvérsias frente a colocação desse questionário no IBGE, há uma crítica quanto à metodologia utilizada pelo IBGE que trabalha com amostragem, onde nem todos os domicílios foram contemplados com o questionário que incluía as indagações em relação ao TEA. Apesar disso, no que se refere ao processo de inserção do questionário sobre autismo no IBGE, este é, certamente, um marco indicador da urgente importância de se tratar sobre esse transtorno do neurodesenvolvimento com vistas a aprimorar as políticas públicas no vasto território brasileiro, pois, sem dúvida, essa condição neurológica afeta todas as camadas sociais, sendo, portanto, necessária uma fotografia dos dados para que se traga intervenções que minimizem os impactos para toda uma sociedade e, principalmente, para os indivíduos acometidos nas famílias economicamente vulneráveis. Após consideradas essas pontuações, vamos aos resultados. O Censo Demográfico identificou 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com TEA no Brasil. Esses dados, apesar de coletados em 2022, só foram publicados em maio de 2025¹⁰ e corresponde a 1,2% da população.

Outro ponto que chamou atenção na história recente e que também trouxe engajamento à discussão em torno das implicações desse assunto foi a Projeto de Lei (PL) do Senado Nº 3803/2019, apresentado pelo Senador Major Olímpio, o qual gerou uma grande mobilização social dos pais e comunidade autista. Esse PL propôs instituir a Política Nacional para Educação Especial e Inclusiva, para atendimento às pessoas com Transtorno Mental, Transtorno do Espectro Autista (TEA), Deficiência Intelectual e Deficiências Múltiplas, além de trazer pontos ligados à saúde. Contudo, segundo a nota técnica da Associação Brasileira para ação por direitos das pessoas autistas (ABRAÇA¹¹), a PL “configura-se como uma violação a importantes e caros princípios e acordos hoje vigentes no Brasil, alinhados com os marcos internacionais” (ABRAÇA, 2019). Em resumo, a crítica se dá porque a propositura sugere separar os alunos

¹⁰ Para mais informações acerca do censo 2022 segue o link: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil>. Acesso em: 23 maio 2025.

¹¹ NOTA TÉCNICA A RESPEITO DO PL 3803/2019. Disponível em: https://abraca.net.br/nota_pls3803/#. Acesso em: 11 de setembro de 2024.

atípicos dos típicos, configurando-se como um comportamento segregacionista. A compreensão é de que as crianças atípicas serão afastadas do convívio com outras crianças, na contramão do que acontece em todo o mundo e já fazendo referência ao que acontecia nos primórdios como já apresentado nesse empreendimento. Porém, vale salientar que não são todas as crianças que seriam submetidas a esse regime. Há, por exemplo, no PL, a supressão das crianças com superdotação e altas habilidades sem que houvesse justificativas, nesse sentido ocorrendo uma espécie de categorização. Também é preciso notar que crianças submetidas a esse tipo de regime, em muitas situações, não recebem orientação pedagógica, sendo suprimido o direito de aprender, o que vai de encontro a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996) e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI).

A Abraça ainda denuncia a PL porque há um possível incentivo para o fortalecimento de redes privadas que oferecem tais serviços, não só isso, há também uma denúncia em que evidencia que sua elaboração não recebeu contribuição das pessoas com deficiência como relata o documento:

No Comentário Geral nº 7, o Comitê da CDPD, da ONU, traz como jurisprudência o esclarecimento de quem são as organizações representativas que devem ser consultadas. Segundo o Comitê, as OPDs (Organizações de Pessoas com Deficiência) são sempre organizações majoritariamente compostas e obrigatoriamente lideradas por Pessoas com Deficiência. No mesmo documento, há ainda o esclarecimento de que, sempre que se tratar de política ou lei sobre crianças ou jovens com deficiência, estes devem também estar envolvidos de forma direta e ativa. Organizações compostas também por familiares, quando fundamental e desejado pelo grupo em questão, devem tê-los em um papel de apoio, como facilitadores para que as vozes das próprias Pessoas com Deficiência sejam ouvidas. Não tivemos notícia da participação ou consulta a nenhuma OPD no desenvolvimento desta PL. Entendemos, portanto, que se trata de uma violação ao artigo 4.3 da Convenção Internacional pelos Direitos das Pessoas com Deficiência e ao artigo 76 §2º da Lei Brasileira de Inclusão.

Na mesma direção em 2020, o Governo Federal lançou um DECRETO que, embora revogado pelo DECRETO de nº 11.370/2023, o DECRETO Nº 10.502, de 30 de setembro de 2020, traz um discurso de maneira alinhada ao PL anteriormente mencionado e tão danoso efeito quanto, haja vista que ele impulsionou a modalidade de Educação Especial que vai na contramão da Educação Inclusiva que tem se comportado de maneira muito diferente da proposta em questão. Esse decreto instituído, à época, pelo Presidente Jair Messias Bolsonaro com a colaboração do então Ministro da Educação Milton Ribeiro fomentava políticas públicas de apoio à Educação Especial que, em outras palavras, também previa separar alunos com essas condições clínicas dos que não as possuíam. Destacamos, sobretudo, que o Ministro trouxe em

várias entrevistas falas que reforçam a ideia de segregação, pois segundo ele há pessoas com deficiência que são “de impossível convivência” (Milton Ribeiro em 19 de agosto de 2021¹²), corroborando com o discurso de Educação Especial de que tratava o DECRETO.

Depois de fazermos um breve levantamento das movimentações legislativas dos últimos anos acerca do assunto em questão, partiremos para a compreensão teórico-metodológica.

Caminhos teórico-metodológicos

Este tópico cumpre a função de reunir pressupostos teóricos e metodológicos que nos ajudaram nas análises das cenas enunciativas. Em se tratando de redes sociais digitais, estamos analisando “ecossistemas comunicativos” (Xavier, 2020, p. 87), em que as vozes sociais estão em constante interação discursiva e que imprimem em sua voz não só um sistema linguístico abstrato, mas axiologias advindas tanto do “mundo da cultura” quanto do “mundo da vida” o que, portanto, se configuram “atos responsivos” (Bakthin, 2020 [1985]).

Nesse sentido, as redes sociais digitais têm se mostrado como uma arena de disputas de vozes sociais, principalmente, daquelas que tentam imprimir o discurso de universalização, contudo pelo imperativo da diversidade de horizontes ali reunidos se encontram também vozes singulares e irrepetíveis que se fundem e podem resultar em acordo ou em desacordo, em adesão, em complemento mútuo, em fusão ou o inverso, no embate, no questionamento, tensionando o universalismo discursivo.

Partindo do princípio de que estamos diante de uma constante disputa discursiva, Bakthin (2015 [1895-1975]), ao mencionar as forças que constroem a formação verbalideológica¹³ reverbera dois movimentos atuantes nessa constituição quais sejam: as forças centrípetas e as forças centrífugas. O autor retira da física esses dois conceitos para fomentar a ideia de que este mesmo fenômeno também ocorre nas práticas de linguagem, pois, respectivamente, atuam puxando para o centro (centrípetas) e atraindo para o distanciamento do centro (centrífugas). Em outras palavras, ao resgatar esses conceitos, ele nos demonstra analogamente que há dois tipos de deslocamentos discursivos possíveis, sendo um que nos conduz para discussões mais universais ou verdades absolutas (as forças centrípetas) e outro

¹² Link da notícia: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/23/milton-ribeiro-veja-frases-do-ministro-da-educacao-e-entenda-por-que-elas-foram-questionadas.ghml>. Acesso em: 20 nov. 2024.

¹³ Termo que indica a relação imprescindível entre signo e ideologia, em outras palavras, para Volóchinov (2018 [1929]), a palavra carrega em si o conteúdo e o sentido ideológico.

que nada mais são que as vozes dissonantes próprias do heterodiscurso (as forças centrífugas). É válido acentuar que são as forças centrípetas procuram barrar o heterodiscurso. Mais tarde, em “Para uma filosofia do ato responsável”, Bakhtin (2020 [1985], p. 92) reclamou a tendência por um segmento pautado numa atração por verdades universais:

É um triste equívoco, herança do racionalismo, imaginar que a verdade [*pravda*] só pode ser a verdade universal [*istina*] feitas de momentos gerais, e que, por consequência, a verdade [*pravda*] de uma situação consiste exatamente no que esta tem de reprodutível e constante, acreditando, além disso, que o que é universal e idêntico (logicamente idêntico) é verdadeiro por princípio, enquanto a verdade é artística e irresponsável, isto é, isola uma dada individualidade (Bakhtin, 2020 [1985], p. 92).

Como observou o autor, para além daquilo que comumente tendemos a relacionar a *pravda*, na verdade, é *istina*, haja vista que é preciso considerar o tom emotivo-volitivo para que sejamos capazes de demonstrar as nuances da individualidade e que, portanto, revelam de fato a *pravda*. Nesse sentido é que buscamos desenvolver as análises das cenas enunciativas, que materializam dois eventos em que são colocados em pauta a relação da cosmovisão religiosa e as supostas causas do TEA. Para tanto, com afínco de filtrarmos os movimentos centrífugos e centrípetos em busca da *pravda*, encontramos confortáveis dentro de uma perspectiva dialógica da linguagem que prima por situações reais concretas e singulares movida pela interação discursiva marcada por axiologias que registram os vestígios das marcas sociais e, sobretudo, individuais; moldando assim as posições enquanto ato responsável dos sujeitos sociais envolvidos nas cenas enunciativas. Logo, segundo Volóchinov (2018 [1929], p. 129-130), “cada produto ideológico carrega consigo a marca da individualidade do seu criador ou de seus criadores, mas essa marca é tão social quanto todas as demais particularidades e características dos fenômenos ideológicos”, o que faz ecoar distintos pontos de vista, acentos e refrações.

No que se refere ao discurso religioso, é fato que estamos numa arena de alta complexidade por esta esfera ter um caráter propenso a posicionamentos universalizantes, mas Francelino (2019, p. 251) acentua que assim como qualquer análise feita no campo de outras esferas, na religiosa, é possível perceber “[...] especificidades relacionadas à forma como os sujeitos refletem e refratam o mundo, suas cosmovisões, seus valores, crenças e convicções e todos esses aspectos que permeiam os enunciados”. Isso nos indica que a esfera religiosa não é tão universalizante assim como aparentemente transparece e isso para a Teoria Dialógica da Linguagem é o mais atraente. Contudo, há de se considerar que dentro dessa esfera,

historicamente, supunha uma ideia de monologismo linguístico esse de que não se espera resposta por parte do outro, ou seja, uma predisposição para as forças centrípetas, comportamento linguístico já trazido por Bakhtin (2011 [1979], p. 348) como sendo a reificação da palavra:

As imagens reificadas (coisificadas, objetificadas) para a vida e para a palavra são profundamente inadequadas. O modelo reificado de mundo é substituído pelo modelo dialógico. Cada pensamento e cada vida se fundem num diálogo inconclusível. É igualmente inadmissível a reificação da palavra: sua natureza também é dialógica (Bakhtin, 2011 [1979], p. 348).

Quando o autor russo traz a “reificação da palavra”, conclui que há, com essa postura reificada, o objetivo de tolher as forças centrípetas na direção de construir verdades absolutas e inquestionáveis. Ao considerarmos o discurso religioso, apesar de parecer existir essa reificação da palavra, ela não se sustenta, pois há nele marcas do heterodiscurso. Assim, mesmo marcado pela autoridade que confere a esfera religiosa, essa não se constitui como verdade absoluta, há sempre o contradiscurso ou o complemento, assim não sendo nunca acabada em si. Além disso, o próprio portador da mensagem divina imprime suas percepções que atravessam a mensagem bíblica.

É, pois, sobre esse inacabamento, sobre essa incompletude que atua a força centrífuga, fazendo suas ponderações, sua oposição, sua valoração, sua reconstrução, manifestações linguísticas que nos propomos a observar, tensões que jogam a discussão para adiante, que não resvalam no acabamento, logo isso não existe, ainda que o silêncio se faça presente, eis que ele grita dolorosamente. Silêncio que enuncia muitas vezes as palavras silenciadas e a autoridade oportunista de quem conduz a palavra dita “reificada”, mas mesmo o silêncio é uma resposta a uma estrutura social que por vezes oprime e isso, por si só, mostra o dialogismo e a linguagem enquanto social.

Não é novidade que o discurso religioso é um território em que pisamos criteriosamente para não ser compreendido, principalmente, pelos cristãos como incrédulos ou mesmo para os que não são, como intolerantes religiosos. Esse tipo de comportamento que descredibiliza a visão da ciência sobre os comportamentos religiosos é axiologicamente conhecida desde tempos remotos e isso nada mais é do que uma tendência para centralidade discursiva, ou melhor, um comportamento centrípeto. Assim, faz-se pertinente pontuarmos os caminhos metodológicos a que tomamos nessa empreitada.

Dentre eles, mencionamos que mesmo diante de um *corpus* composto por discurso verbo-visual (semioses reconhecidas em várias obras enquanto elementos tão importantes quanto o material verbal), como contribui Medviédev (2019 [1928]) no que tange a esse acento:

Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante. (Medviédev, 2019 [1928], p. 50).

Apesar de reconhecermos o valor do discurso verbo-visual, assim como destaca Medviédev (2019 [1928]), optamos, até por uma questão de logística de tempo e extensão discursiva em produções como esta, por explorar somente o discurso verbal. O discurso a que nos referimos na cena elegida se apresentou por via da oralidade, de modo que, para fins de análise, fizemos a transcrição. Então, embora reconheçamos a linguagem verbo-visual, tais como: gestos, expressões faciais, ângulos de filmagem, entre outros, recairemos nosso olhar sobre o verbal, por compreendemos um maior alinhamento com nosso interesse de análise que são as atuações das forças centrífugas e centrípetas.

A cena enunciativa analisada foi replicada pela conta de Instagram *@autismobr*, em que é divulgado um vídeo gravado no dia 12 de julho de 2024, durante a celebração religiosa na Assembleia de Deus. Nessa data, o Pr. Almeida (*@pr.washingtonalmeida*) fez algumas colocações a respeito do que provocava o TEA nas crianças envolvendo discursos de temática religiosa. Como medida de contextualização, recorreremos aos perfis das principais contas e trouxemos informações disponíveis em suas páginas, no entanto, no que se refere ao pastor, infelizmente, ele não trouxe informações sobre sua formação, nem mesmo na página da conta vizinha.

O *corpus* constitui-se categoricamente em duas materialidades: réplicas do pronunciamento em vídeo, onde o Pastor, em meio a pregação, faz menções de cunho religioso sobre sua percepção acerca da causa do autismo e as réplicas em mensagens dos internautas postas na publicação do *@autismobr*. Vale destacar que a réplica em vídeo ocorreu em 17 de julho e é um *repost* do portal Roma News¹⁴, trata-se então de um recorte da pregação feita no dia 12 de julho de 2024. Enfatizamos também que as contas aqui supracitadas são de dois tipos, pública e privadas, a considerada pública não requer preservação de identidade, contudo, o inverso ocorreu com as contas ditas de pessoas físicas, o que em ambas posições tomadas por

¹⁴ Este portal veicula notícias de várias naturezas e esse é o link de acesso ao vídeo mencionado: <https://www.instagram.com/p/C9hfyRKRLNv/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

este empreendimento, respeitaram-se as questões de ética envolvendo o fazer científico. Sobre o critério tomado na escolha da cena enunciativa, a decisão se deu por duas razões: a) seu poder de alcance, haja vista que viralizou e b) sua relevância, que certamente ocorreu por unir ciência e religião, dois polos axiologicamente conhecidos como provocadores da palavra. A potencialidade de engajamento e a provocação da palavra podem ser conferidos pelos seguintes dados: 6.654 curtidas, 8.833 comentários e 8.355 *repost* até o momento desse registro de dados.

É válido dizer também que mesmo que tenhamos usado o método de transcrição no caso do vídeo da postagem, o mesmo não ocorreu com os comentários, haja vista que a captura de tela já dá acesso aos leitores no que diz respeito não só ao conteúdo, mas aos demais elementos que o compõem, quais sejam: quantidade de curtidas e marcação temporal.

Ainda sobre os comentários selecionados, consideramos os seguintes aspectos: primeiro, sua relevância e alcance na plataforma; segundo a formulação do posicionamento enunciativo, tendo em vista certa elaboração; e, terceiro, relação do enunciador com as temáticas envolvidas. Tais critérios de seleção corrobora com Volóchinov (2019 [1930], p. 249, grifo nosso) ao trazer o conceito de *concordância mínima* que fora explorado por Cândido (2022) ao explaná-lo dizendo que:

[...] a expressão concordância mínima, trazemos luz, sobretudo, ao fato de que a linguagem no seu sistema de geração se fundamenta no interior da interação e, mais que isso, nas entranhas da discursividade, haja vista um acordo mínimo sobre o objeto de discussão. Feito esse esclarecimento, sabemos que não é possível a ausência da discursividade quando evidentemente se pauta por uma concordância. Esse singelo gesto já representa a natureza social da língua (Cândido, 2022, p. 21).

Nesse sentido, as escolhas dos comentários se deram em torno dessa *concordância mínima* que incluem as frentes ancoradas na postagem, as quais dizem respeito ao nosso objeto de discussão. No entanto, para além da *concordância mínima*, foram identificados posicionamentos axiológicos, frisado o contexto de circulação (tempo e espaço), elementos que indicam o mundo da cultura e o mundo da vida com vista a alcançar a dinâmica das forças centrípetas e centrífugas nas interações discursivas. Antes de adentrarmos nas análises, precisamos compreender, ainda, que *concordância mínima* nada tem a ver com alinhamento de pensamento, mas com o fato de tratar sobre os mesmos conteúdos seja por via de complemento ou aversão.

A seguir o *corpus* e suas análises.

Da cena enunciativa às (des)centralizações: análises

Como apresentado anteriormente, o discurso coletado através do *respost* na página @autismobr foi materializado (transcrito), com vistas a facilitar a dissecação discursiva da cena enunciativa da pregação do Pr. Washington Almeida na noite de 12 de julho na celebração festiva da Igreja Pentecostal. Segue abaixo o *print* da postagem e sua transcrição, respectivamente:

Captura de tela 1 - Postagem retirada do @autismobr



Fonte: Instagram @autismobr¹⁵.

A princípio, precisamos enfatizar que na postagem foram inseridas informações referentes ao local do acontecimento (canto superior da tela), como já apontamos anteriormente, além dessa informação do espaço, o administrador traz entre aspas parte do discurso do pastor ‘visita do diabo no ventre das mulheres’ destacando que é uma alegação por parte do religioso. Acima dessas descrições cunhou o seguinte: “o comentário fica por conta de vocês”, seguida de um emoji que significa choro em abundância. Na parte inferior da tela está escrito “deixem seu comentário” também seguida de um emoji que indica tristeza, essas descrições indicam uma atuação centrífuga, pois notadamente a página discorda das palavras pronunciadas no audiovisual, indicando uma descentralização ao que fora dito pelo pastor. Atualmente, a página possui 1,400.000 (1 milhão e 400 mil) seguidores, dados numéricos que são importantes para inferirmos a influência discursiva que possui essa conta e a inscrição “deixe seu comentário”

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9hfyRKRLNv/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

que considerado, é a certeza de engajamento, o que se configura como um convite para que estes seguidores se posicionem.

Ademais, apesar de não apresentar muito material linguístico discursivo, já é possível prevê, através dos emojis e, até pelo percurso indicativo de outras postagens, que o *respost* é veementemente contrário às palavras do líder religioso. Fato que pela natureza do perfil, congrega vozes que podem se assemelhar às da conta, ou mesmo de oposição, por se tratar de um tema que se estrutura enquanto verdade universal, dito isso seguiremos para a transcrição do discurso do religioso:

Hoje de cada cem crianças que nasce nós temos um percentual gigantesco de pessoas em ventres manipulados, visitados pela escuridão que distorce, ainda no ventre... As crianças hoje, de cada 100, nós temos aí quase 30% de autistas, em vários graus. O que está acontecendo Pr. Washington? O diabo está visitando o ventre das desprotegidas, daqueles que não tem a graça, a habilidade, a instrumentalidade pra saber lidar no mundo espiritual (transcrição da fala do Pr. Washington na cena enunciativa).

O trecho reproduz a fala do Pr. itinerante e, dada as circunstâncias discursivas do evento religioso, obviamente a posição em que o religioso se encontra e a seu cargo frente aos fiéis, podem levá-los a inferir que se trata de algo com base no texto bíblico, apesar de ele não recorrer a nenhum versículo. Logo, “[...] o pastor/padre não é visto como um indivíduo, mas como um sujeito discursivo que, diante de uma dada conjuntura, constitui-se como um ser (con)sagrado” (Souza, 2019, p.38), constituindo um discurso de autoridade, o que nos relembra a ideia de “reificação da palavra” que visa trazer a público uma suposta verdade universal/absoluta tendência do movimento das forças centrípetas que costumam centralizar os discursos, muito comum no discurso religioso. Para além disso, o lugar que ocupa sociodiscursivamente é o de representante da voz de Deus, que apesar de conscientemente compreendermos que se trata de humano reportando a voz de Deus, acaba, até pelo próprio misticismo religioso, transmitindo a sensação de que ir de encontro aquela voz é pura transgressão.

Historicamente se opor a esse tipo de discurso sempre foi sinônimo de desrespeito ao sagrado; porém, como já mencionado antes, o tal discurso reificado não existe, porque toda palavra é dialógica e é axiologicamente construída e são um elo na cadeia discursiva (Bakhtin, 2011 [1979]). Considerando isso não é possível fazermos uma análise pautada apenas no transcrito sem levar em conta o resgate axiológico do discurso ou as progressões, logo estamos tratando de um ato singular que em si carrega uma posição (Bakhtin, 2020 [1985]). De modo que o discurso religioso tende a constituir-se de uma verdade absoluta e inquestionável, a qual fora denominada de palavra autoritária (Bakhtin, 2015 [1895-1975]) favorecendo a atuação de

forças centrípetas. Assim, quando o religioso trata sobre questões relativas ao autismo, colocou em circulação uma visão supostamente centralizadora na tentativa de responder de maneira absoluta aos questionamentos imbricados sobre o assunto. Pautando-se, sobretudo, na sua percepção religiosa. O discurso proferido pelo pastor, negligencia/silencia justificativas de outras esferas como a científica que alega ser uma questão epigenética¹⁶, desconsiderando também a questão biopsicossocial¹⁷, comportamento centralizador, típico das forças centrípetas.

Antes de mais nada, façamos um parêntese, tomemos as informações estatísticas que a cena enunciativa carrega. É comum que alguns argumentadores tomem esse tipo de recurso para que consiga empregar maior credibilidade ao que vai ser dito, apesar de essa ser uma tentativa de fazer uso dessa estratégia para fins de demonstrar conhecimento acerca do assunto, o pastor reverbera um dado que não condiz com os números reais, uma vez que a prevalência é de 1 a cada 31 crianças no mundo, segundo informações trazidas pelo órgão de saúde Centers for Disease Control and Prevention (CDC) divulgado em abril de 2025. Embora essa observação de que o pastor apenas errou os dados, pareça a olho nu pouco ofensiva, deve-se levar em consideração o poder de fala que uma figura pública carrega, uma vez que ele possui inúmeros seguidores em rede social digital (atualmente, possui 42 mil seguidores) e também fala para uma plateia lotada, o que exige dele um mínimo de alteridade ao trazer informações que comprometem a utilidade pública. Ainda que consideremos a não intencionalidade, esse tipo de comportamento é, no mínimo, comprometedor para avaliação das demais colocações discursivas por parte do religioso que se intitula em sua rede como pastor itinerante e só por isso já alcança um público considerável.

Além disso, é preciso destacar que, segundo Paiva (2025), estudiosos do autismo indicam que o número de autismo se mostra atualmente mais expressivo em razão do acesso ao diagnóstico, ou seja, não necessariamente existam mais casos de TEA. Houve, na verdade, mudanças significativas na maneira de avaliar, uma vez que dentre os critérios diagnósticos se inseriu sintomas mais sutis e sintomas não muito aparentes se ampliou. Assim, aqueles casos de maior comprometimento no que tange aos prejuízos trazidos pelo transtorno deixaram de ser os únicos a serem diagnosticados, logo os casos com menor comprometimento passaram a ter seu diagnóstico reconhecido. Além disso, setores com Educação e Saúde mental passaram a ter

¹⁶ Ciência que estuda a relação entre genética e fatores ambientais, apesar de complexa e multifatorial, indícios apontam a epigenética enquanto explicação para o que possivelmente seja a causa do autismo.

¹⁷ Trata-se de uma contraposição ao modelo biomédico, que se centra na doença e restringe-se aos fatores biológicos, desconsiderando o ambiente em que vive e das suas relações sociais.

mais informações, gerando mais conscientização, facilitando uma identificação mais precisa. Portanto, quando o pastor faz uso da marca temporal “hoje” em “Hoje de cada cem crianças que nasce nós temos um percentual gigantesco de pessoas em ventres manipulados”, há uma espécie de associação desse aumento à ideia de ventres manipulados, afirmação que não condiz com o que os estudiosos acerca do autismo dizem.

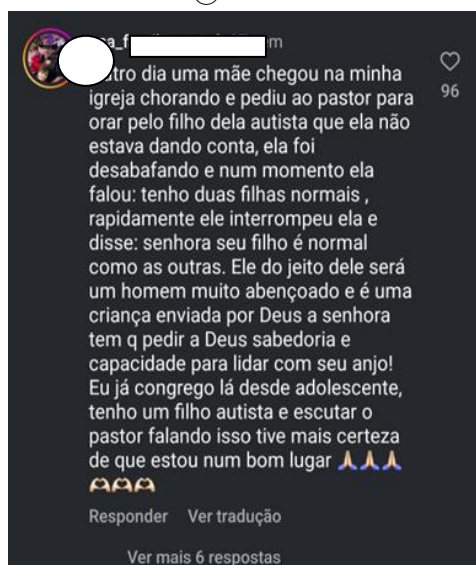
Ademais, a cena enunciativa carrega trechos como “ventres manipulados, visitados pela escuridão que distorce, ainda no ventre” e “O diabo está visitando o ventre das desprotegidas, daqueles que não tem a graça, a habilidade, a instrumentalidade pra saber lidar no mundo espiritual” que foram responsáveis pela perpetuação de maneira viralizante nas redes sociais digitais, pois ao trazer a indagação “O que está acontecendo Pr. Washington?”, ele traz a causa/justificativa para o autismo. Tais explicações resgatam várias camadas que marginalizam as pessoas neurodivergentes, dentre elas a noção de defeito de que há algo a ser consertado como quando ele traz “ventre manipulados” e “escuridão distorce”, como se o diabo pusesse um “defeito” na criança ainda no ventre materno, além da associação ao pecado, uma vez que ao dizer “ventre das desprotegidas” faz-se a conotação que a mãe vive em pecado, distantes dos caminhos de Deus, o que explicaria o TEA como consequência do pecado. Isso corrobora diretamente com o conceito de “pecado” e “condenação” comum no âmbito da esfera religiosa em que tais condições humanas são vistas como consequência hereditária do pecado, sendo resultado de um castigo divino, conforme o encontrado no contexto Medieval (Costa, 2018). Percebe-se, portanto, que toda a cena enunciativa para além de trazer uma explicação para o fenômeno, refrata negativamente essa condição humana, pois axiologicamente resgata um contexto e práticas que reprimem os direitos humanos. Toda a cena enunciativa se constrói pelas estratégias persuasivas próprias do discurso religioso, haja vista que ao trazer a conotação diabólica é similar a percepção de pecado e ao indagar a si próprio “O que está acontecendo Pr. Washington?” (além de uma confusão sobre quem realmente dá a resposta) é uma espécie de autoridade discursiva que se confunde com o sagrado, portanto: sua autoria indiscutível e a possível punição pela transgressão.

Para além disso, acentuamos que há, notadamente na cena enunciativa, três vozes que ocupam distintas posições materializadas ou não: 1) a voz representada pelo pastor, que usa do discurso religioso axiológico sobre o pecado e o merecimento, excluindo uma parcela de mães do direito a ter filhos “sadios” por falta de graça divina, consequentemente julgando-as como culpadas, além de apresentar uma violência de gênero, já que somente as mulheres têm seus “pecados” expostos e, portanto, “culpadas” por gerar uma criança autista, condenadas por não seguir a sua doutrina. No entanto, o pastor vai de encontro ao cristianismo que doutrina o amor

ao próximo tendo, por exemplo, empatia¹⁸ com mães e crianças atípicas que poderiam compor o público que o assistia, 2) a voz das crianças autistas que seguem sem poder de fala e/ou seus familiares que em alguns casos são porta-vozes destas, mas que continuam sendo silenciados por discursos conservadores axiologicamente reconstruído, haja vista que na Idade Média, eles também não tinham direito sequer a vida, e 3) a voz do administrador da página, que faz emergir várias vozes antagônicas às palavras do pastor. Essas três acentuações indicam o quanto o discurso religioso reportado pelo pastor mostra-se tão centrípeto, uma vez que se coloca acima de quaisquer outras questões de ordem social, política, ideológica, mas paradoxalmente marcada por essas questões no âmbito centralizador quando nos propomos a enxergar sob as lentes do mundo da vida e isso por si só já deveria alimentar a indagação sobre a legitimidade discursiva do religioso, porém como exposto anteriormente há uma nítida confusão entre o que é do homem e o que de Deus nos discursos religiosos.

Contudo, mesmo sendo nebuloso, o discurso religioso sofre algumas retaliações por parte dos fiéis que descentraliza as posições axiologicamente impostas como verdades absolutas, mostrando o quanto heterogêneo ele pode ser, embora todos agregados pelo preceito do cristianismo. Desse modo, sob os pressupostos bakhtinianos, a partir de agora seguiremos para análise de algumas réplicas ao vídeo, em que iremos observar como se comportam as marcas linguísticas enunciadas dialogicamente por via das respostas dos internautas. Tomemos a **Captura de tela 2** a seguir:

Captura de tela 2 - Postagem retirada do @autismobr



Fonte: Instagram @autismobr¹⁹.

¹⁸ Tomado aqui enquanto equivalente a alteridade.

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9hfyRKRLNv/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

A réplica enunciativa acima é iniciada pelo relato de um momento em que o/a internauta presenciou um pastor de outra congregação se comportando frente a um caso de uma mãe atípica²⁰ em razão das dificuldades da rotina de cuidados para com seu filho, comportamento que difere em vários aspectos com o do Pr. Washington como veremos posteriormente, antes disso, façamos um adendo. No comportamento da mãe suplicante, é possível observar um problema comum nesse grupo social, uma vez que dada a ausência de rede de apoio, à ausência de tratamento adequado, políticas públicas pouco assertivas têm levado as mães ao desgaste mental e físico. Nas palavras de súplica da mãe, ela menciona “tenho duas filhas normais”, o que nos indica uma marca enunciativa: a falta de instrução por parte dela, ao usar uma nomenclatura que por retratar um estereótipo negativo, não se usa mais. Embora a mãe tenha usado essa expressão pejorativa, o pastor, segundo o/a internauta, “rapidamente” interrompe-a usando “seu filho é igual a todas as outras” que reverbera um pensamento mais mediador. Contudo ao trazer “do jeitinho dele” indica a aceitação da sua condição, o que indica, no conjunto do discurso, a compreensão de que se trata de uma maneira de ser totalmente possível de acontecer sem que fosse associado ao pecado, diferindo, pois, da fala do Pr. Washington. Ainda no âmbito da contramão, encontramos a correlação da criança com um anjo quando reporta “a senhora tem que pedir a Deus sabedoria e capacidade para lidar com seu anjo!” fala que se opõe às do pastor itinerante, uma vez que na sua visão há uma correlação da vida das crianças autistas ao resultado do trabalho do diabo. Vale destacar também que o termo “anjo” é axiologicamente justificado pela expressão “anjo azul”, usada para se referir a quem está dentro do espectro em razão da maior incidência de casos acontecer no sexo masculino²¹. É possível também perceber que o pastor do relato da réplica diz que a criança fora enviada por Deus, sendo uma alegação bem divergente a do Pr. Washington. Para finalizar o comentário, a pessoa alega também ser mãe de uma criança autista e que congrega naquela instituição religiosa desde a adolescência e ao ouvir aquelas palavras do pastor, ela diz “tive mais certeza de que estou no lugar certo”. Essa afirmação dela demonstra concordar mais com a fala do pastor da sua congregação e conflita totalmente com as do pastor do vídeo, até porque se sente

²⁰ Essa expressão, apesar de recente na literatura científica, pois está em fase de franco desenvolvimento, é inserida nesse artigo porque reconhece a especificidade dessa jornada no exercício maternal de mães de crianças autistas e vai ao encontro das palavras de Pastorelli; Viana; Benicasa (2024) que se referem as mães de crianças que não apresentam desenvolvimento dentro do esperado, o que requer dessa maternidade uma rotina que inclui a luta por inclusão e acompanhamento terapêutico, ou seja, esse exercício materno se difere do padrão e possui nuances próprias.

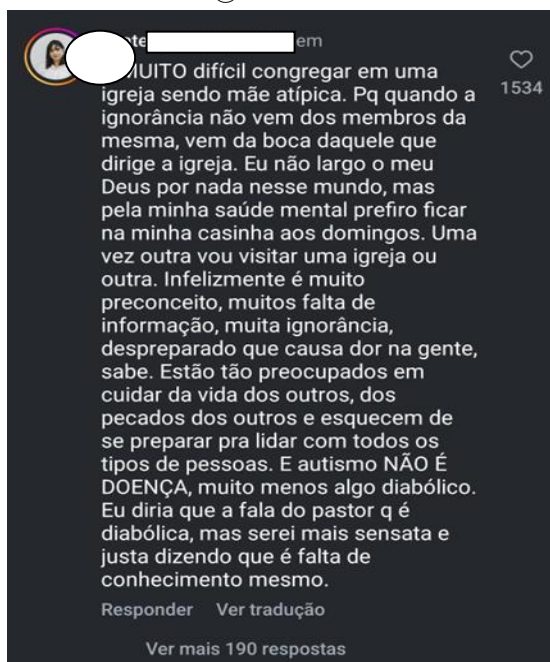
²¹ O censo demográfico 2022 demonstrou que a prevalência foi maior entre os homens, o que correspondeu a 1,5% enquanto as mulheres registraram 0,9%. Desse modo, respectivamente, temos 1,4 milhões de homens e 1,0 milhão de mulheres com TEA. Esses dados também foram divulgados agora em 2025 como podemos observar no link: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil>. Acesso em: 23 maio 2025.

mais acolhida/representada, mais capaz de ter lugar de fala enquanto peculiaridades advindas da sua condição, sendo um ambiente mais seguro.

Depois de feitas essas pontuações acerca da réplica, podemos agora tratar a respeito das descentralizações realizadas, haja vista que todo o relato, tanto enquanto observava como quando o relato era pessoal, configuram-se um afastamento daquela voz dominante (força centrífuga), apesar de ter buscado também um refúgio nas palavras de um líder religioso, fato que também demonstra o quão heterodiscursiva podem ser as manifestações dentro do segmento religioso, já que os pastores se comportaram de maneira divergente diante do mesmo assunto.

A seguir tomemos a **Captura de tela 3** em que ocorre outra manifestação que replica o vídeo em questão:

Captura de tela 3 - Postagem retirada do
@autismobr



Fonte: Instagram @autismobr²².

A réplica em questão já se inicia com a declaração de que se trata de uma mãe atípica, além de trazer reflexão sobre os desafios de congregar diante de duas situações julgadas como comum nesses ambientes: sofrer com a ignorância dos membros, ou seja, de seus pares e, principalmente, do dirigente da igreja. Essa situação a incomoda tanto que ela reporta “Eu não largo o meu Deus por nada desse mundo, mas pela minha saúde mental prefiro ficar na minha

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9hfyRKRLNv/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

casinha aos domingos”, colocação que nos faz inferir a possibilidade de ela já ter sofrido alguma situação desagradável que a afastou dos templos e da regularidade em que supostamente frequentava, tudo isso gerado pela falta de informação, em razão do preconceito e despreparo, pois como ela disse “causa dor na gente”. Essa réplica é carregada de tons emotivo-volitivos, tendo em vista as axiologias trazidas e revividas (como gatilho) para vivências que ela já experimentou e que foram ruins. Segundo Bonfim et al. (2023), o transtorno de neurodesenvolvimento afeta toda a dinâmica familiar, podendo provocar inclusive o isolamento e mudanças significativas, tais como sacrifícios e renúncias que refletem posteriormente numa carga de estresse e até depressão, isolamento e mudanças negativas, como também, sacrificar ou renunciar a tantas outras demandas necessárias para um estilo de vida saudável, culminando desta forma no estresse. O relato da internauta espelha algumas dessas observações de Bonfim et al. (2023), uma vez que há uma mudança na dinâmica familiar quando ela opta por não mais frequentar a Igreja (por ser um ambiente hostil para sua saúde mental), bem como, nas palavras dela, pelo fato de “causa dor” a falta de informação. Tudo isso reflete uma carga emocional advinda de experiências não bem-sucedidas naquele ambiente que em síntese deveria trazer um conforto para sua dor.

Ao trazer “Estão tão preocupados em cuidar da vida dos outros, dos pecados dos outros e se esquecem de se preparar pra lidar com todos os tipos de pessoas”, ela denuncia o despreparo da Igreja como um todo para lidar com a diversidade humana, indo logo posteriormente de encontro à fala do Pr. Washington dizendo que o autismo não é “algo diabólico”, resgatando da fala dele uma palavra de mesmo campo semântico como marcação imperativa de desacordo com o pastor, inclusive, acentuando “a fala do pastor é que é diabólica”. Todavia, a internauta apostou na ponderação “mas serei mais sensata e justa que é falta de conhecimento mesmo”. Perceba que ao compreender enquanto falta de conhecimento somada a afirmação de que “Autismo NÃO É DOENÇA”, ela se coloca na posição de quem toma como base a ciência, a qual caracteriza o autismo como transtorno e não como uma doença assim como afirma o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição (DSM-5)²³.

Neste enunciado, encontramos um comportamento dialógico que replica o enunciado do Pr. Almeida, construído pela tensão entre duas ideologias: 1) aversão ao discurso religioso tradicional que põe uma doutrina acima do acolhimento ao próximo, logo ela não se sentiria acolhida naquele ambiente por ser mãe atípica; 2) crítica ao se opor ao pastor, inclusive

²³ Manual de referência médica mundial e está disponível no drive abaixo: https://drive.google.com/file/d/0B1dxTb_oy7qwcVRvTExKWmdMejQ/view?resourcekey=0-VMo05y795EthoFRqagAoZQ. Acesso em: 15 abr. 2024.

questionando a validação de sua postura frente ao assunto, sugerindo que não somente os outros são pecadores, mas todos, inclusive, o pastor ao trazer “estão tão preocupados em cuidar da vida dos outros, *dos pecados dos outros*, e se esquecem de se preparar com todos os tipos de pessoas” (grifo nosso).

Observamos na fala da internauta que embora pertencente ao mesmo campo religioso (por ter usado o termo “congregar”) há uma clara discordância com o discurso do pastor. Contudo, há no enunciado “Eu não largo o meu Deus por nada nesse mundo” um confronto discursivo, pois ela mostra indícios de desconforto com as colocações do pastor e ainda que isso aconteça ela não perde a sua fé, indicando mais uma vez a heterodiscursividade existente dentro de uma mesma segmentação religiosa, o que nesse caso há distanciamento/descentralização discursiva, portanto um movimento comum das forças centrífugas.

A seguir tomemos a **Captura de tela 4** em que ocorre outra manifestação que replica o vídeo em questão:

Captura de tela 4 - Postagem retirada do @autismobr



Fonte: Instagram @autismobr²⁴.

Na **Captura de tela 4** também encontramos um relato e assim como os demais carregado de um tom emotivo-volitivo, pois os relatos demonstram que as pessoas que se impactaram com a fala do pastor têm relação direta com o assunto. Inicialmente, o anunciado já demonstra um enfrentamento de modo que deseja saber o “*Instagram* desse pastor” dando sinais de que deseja respondê-lo em sua conta diretamente ou talvez, como movimento comum

²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C9hfyRKRLNv/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

da *Internet* atualmente, cancelá-lo ou mesmo denunciá-lo. Dito isso, a enunciadora faz um relato pessoal e nele resgata muitas das palavras do pastor por meio de réplica, assim como quando ela traz “quem visitou o meu ventre foi o espírito santo”, ela claramente faz a substituição do termo diabo por espírito santo de modo que adverte o discurso do pastor, sendo um movimento descentralizador por natureza. Porém, ao passo que ela nega as palavras do pastor, ela se aproxima quando reconhece que “Jesus fez o milagre”, uma vez que a mãe deposita em Jesus a solução para seu dilema, apesar de compreender de maneira oposta ao pastor como Jesus providencia conforto para sua atribulação. Então, diferente da visão do pastor ela traz o pensamento de que a criança é abençoada e que só “trouxe muita benção” e ainda reivindica a necessidade de que o pastor peça desculpas. Demarcando o receio pelo que vai dizer, ela pede desculpas e fala “que está sendo visitado pelo inimigo é ele” justificando que “Jesus jamais usaria uma pessoa para falar isso”, invalidando a voz do Pr. Almeida como sendo inspirada por Deus. A internauta também faz uso do recurso visual que transcreve um pouco de como ela se sentiu diante do ocorrido: os emojis sugerem tristeza. O enunciado resgata os mesmos movimentos de persuasão usados pelo pastor, mas com o ideal de se opor diretamente, a internauta mesmo resignada oferece uma visão que se distancia do líder religioso, porque o modo como ela enxerga os desígnios de Jesus não correspondem aos mesmos ensinamentos que o pastor recruta em suas palavras, havendo, pois, um desalinho comum das forças centrífugas.

Considerações finais

Ao longo da história, observamos o comportamento da religião e da cultura frente às questões das deficiências, em que as pessoas com deficiências são objetivadas e, assim como seus familiares, silenciadas por efeitos discursivos em diferentes épocas e culturas, em muitas situações impulsionados pelo discurso religioso que se reveste de cosmovisões próprias de quem detém a palavra na situacionalidade de doutrinas institucionalizadas por pessoas. Contudo, neste artigo, tivemos a oportunidade de perceber que, diferente dos tempos remotos; na atualidade, nas redes sociais digitais encontramos em um mesmo espaço para vozes distintas e “transgressoras”, em que foram emitidas vozes de sujeitos sociais que, no seu lugar de fala, posicionaram-se contra as ditas doutrinas que as colocavam em situação de vulnerabilidade. Nesse cenário, democraticamente, tiveram o direito à fala de modo que encontramos enunciados concretos que materializaram os seus desconfortos em relação ao líder religioso, assim como

foi perceptível que a conduta desse dirigente tanto se aproximou como se distancia de outros líderes que assumem a mesma função. Tal condução discrepante da função indica ora marcas centrípetas, ora centrífugas e no mínimo, o heterodiscurso em meio a essas variantes de compreensão de como lidar com a diversidade humana. Considerando essas nuances, é possível inferir que não há uma orientação linear, ficando a cargo de interpretações próprias de cada líder, sendo mais propensas a cosmovisões que refratam suas crenças e valores.

Nesse sentido, deparamo-nos com movimentos das forças centrípetas e centrífugas em enunciados do segmento cristão evangélico, ficando clara a heterodiscursividade dentro de uma mesma denominação religiosa, e trazendo à tona, inclusive, a validade de alguns discursos, já que se todos são inspirados por um mesmo Deus porque há tantas controvérsias?

Embora as réplicas selecionadas não sejam respostas de uma as outras, encontramos similaridade entre elas, haja vista que todos os enunciados são concretos do ponto de vista de todos os relatos, uma vez que todos sentiram que o discurso religioso, principalmente, na figura do pastor tem um papel fundamental para que o fiel congregue ou não em determinada instituição, o que fere diretamente os princípios do cristianismo de acolher a todos com amor ou mesmo de amar todas as criaturas e trazê-las para seu reino. Sendo assim, a igreja a depender do que profere na voz do seu líder religioso pode acolher ou afastar seus fiéis.

Ademais, observamos que os lugares de fala dessas pessoas são marcados por duas características: a relação direta com crianças atípicas e o fato de professarem a mesma fé (digo no campo religioso protestante). Sendo assim, isso gerou relações tensas por via do dialogismo, uma vez que enquanto as réplicas ao discurso do pastor tendem a compreender que a igreja deve acolher, as falas do pastor impõem um discurso que os oprime, porque faz circular uma cosmovisão cristã de que o autismo é fruto do pecado da mãe e que a criança é o próprio castigo hereditário. Nesse sentido, o Pr. Almeida se apropria da palavra autoritária/reificada e é questionado por ignorar essas tensões que desestabilizam esses próprios enunciados.

Assim, o que percebemos foi uma constante predileção pela aproximação quando se trata de professar a fé em Deus, mas distanciamentos no que se refere a compreensão de que o autismo não é fruto do pecado. Tais valorações indicam o quanto a atuação desses dois movimentos (centrífugos e centrípetos) revelam o embate de vozes, haja vista que o pastor resgata axiologicamente um comportamento em desfavor dessas vidas acometidas pelo autismo ao tentar naturalizar uma visão problemática, refratando a pessoa com autismo enquanto sujeito destituído de sua individualidade/singularidade e até mesmo de sua subjetividade, expondo-as aos olhares de julgamentos, traços que encontramos nos posicionamentos e acentos centrífugos que formavam a construção de sentidos das réplicas.

Em síntese, são os movimentos centrífugos que desmitificam comportamentos discursivos centrípetos e são os tons emotivo-volitivos que estimulam o distanciamento do mundo da cultura e as aproxima do mundo da vida, pois é o lugar de fala que trazem os acentos para uma sociedade menos preconceituosa e digna para todos, ainda que para isso tenhamos que adentrar por campos delicados como o discurso religioso.

Referências

ARANHA, M. S. F. Paradigmas da relação entre a sociedade e as pessoas com deficiência. **Revista do Ministério Público do Trabalho**, Brasília, v. 11, n. 21, p. 160-176, 2001.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011, p. 261-306.

BAKHTIN, M. M. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, posfácio, notas e glossário Paulo Bezerra. Organização da edição russa Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015 [1895 – 1975].

BAKHTIN, M. K. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Montelo e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020 [1985].

BARROS, A. O. de M.; MALISKA, M. A. **Anais do EVINCI** – UniBrasil, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 139-151, out. 2023.

BONFIM, T. A.; GIACON-ARRUDA, B. C. C.; GALERA, S. A. F.; TESTON, E. F.; NASCIMENTO, F. G. P. D.; MARCHETI, M. A. Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. **Revista Latinoamericana de Enfermagem**, 31, e3780, p. 1-10, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5694.3780>

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional**, lei de n. 9.394/96. Brasília: 1996.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. **Diário Oficial da União**, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/2012/12/27/Lei/L12764.htm. Acesso em: 11 set. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei 13.146/2015 de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. **Lex**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. Sancionada lei que inclui dados sobre autismo no Censo 2020. **Agência Câmara de Notícias**. Câmara dos Deputados. 18 jul. 2019. Disponível em

<https://www.camara.leg.br/noticias/562740-sancionada-lei-que-inclui-dados-sobre-autismo-no-censo-2020/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

BRASIL. Decreto n. 10.502, de 30 de setembro de 2020. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 01 out. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10502. Acesso em: 30 nov. 2024.

BRASIL. Decreto nº 11.370, de 1º de janeiro de 2023. Revoga o Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020. Institui a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2 de janeiro de 2023 - Edição extra. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Decreto/D11370.htm. Acesso em: 20 jan. 2024.

CÂNDIDO, J. M. O. **A cultura digital em livros didáticos de Português do Ensino Médio aprovados pelo PNLD – 2021**. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. 2022.

COSTA, D. S. da. **Representações docentes sobre o ensino de línguas estrangeiras para alunos com deficiência visual**: ressonâncias de um métier. 2018. 204f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

FRANCELINO, P. F. Estilo e autoria em sermões religiosos: uma análise dialógica. In: BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C.; FRANCELINO, P. F. (orgs.). **Linguagem e conhecimento**: Bakhtin, Volóchinov, Medviédev. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 233-260.

KELLY, Shaw et al. **Prevalence and Early Identification of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 4 and 8 Years** — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 16 Sites, United States, 2022. Centers for Disease Control and Prevention, [s. l.], 17 abr. 2025.

MATA, A. S. **Deficiência intelectual: análise da produção científica com base no modelo biomédico e modelo social da deficiência**. Filosofia e Educação, Campinas, SP, v.10, n.2, p. 350-378, maio/ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/rfe.v10i2.8653186>

MARTINS, L.de A. R. **História da educação de pessoas com deficiência**: da Antiguidade ao início do século XXI. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Contexto, 2019 [1928].

MELETTI, S. M. F. Diferenças e diferentes: aspectos psicossociais da deficiência. In: MELETTI, S. M. F.; KASSAR, M. C. M. (orgs.). **Escolarização de alunos com deficiências**: desafios e possibilidades. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013, p. 13-31.

NASCIMENTO, I. A. de A. **O discurso citado na carta de Paulo aos romanos: uma abordagem discursivo-enunciativa**. 2019. 282f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade / Disability, autism and neurodiversity. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 67-77, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000100012>

PAIVA, F. J. CDC aponta 1 em 31: prevalência de autismo nos EUA aumenta novamente; Brasil pode ter 6,9 milhões de autistas. **Canal autismo**. 2025. Disponível em <https://www.canalautismo.com.br/noticia/cdc-aponta-1-em-31-prevalencia-de-autismo-nos-eua-aumenta-novamente-brasil-pode-ter-69-milhoes-de-autistas/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

PASTORELLI, S. de O. S.; VIANA, C. T. de S.; BENICASA, M. G. Maternidade atípica: caracterização do sofrimento e seus enfrentamentos. **Revista acadêmica online**, v. 10, n. 50, p. 1-21, mar.-abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.36238/2359-5787.2024.v10n50.6>

REIS, G. A.; ZONTA, J. B.; CAMILO, B. H. N.; FUMINCELLI, L.; GONÇALVES, A. M. de S.; OKIDO, A. C. C. Qualidade de vida de cuidadores de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 22, p. 1-7, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v22.59629>

RIBEIRO, S. S. C. **A marginalização da pessoa com deficiência e os discursos e práticas cristãs**. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, escola de formação de professores e humanidades. Goiânia. 2019. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/4264/2/Sheila%20Santos%20Carvalho%20Ribeiro.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

SANTIAGO, S. A. da S. **A história da exclusão das pessoas com deficiência: aspectos socioeconômicos, religiosos e educacionais**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

TOMPOROSKI, A. A.; LACHMAN, V.; BORTOLINI, E. Educação especial, o longo caminho: da antiguidade aos nossos dias. **Caderno Zygmunt Bauman**, v. 9, n. 21, p. 21-36, 2019. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/12546/7003> . Acesso em: 10 jan. 2024.

VIGOTSKY, L. S. **Obras Completas** – Tomo Cinco: Fundamentos de Defectologia (1983). Cascavel: EDUNIOESTE, 2022. DOI: <https://doi.org/10.48075/WJGO4077>

VOLÓCHINOV, V. Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterine Vólkova Américo; Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: 34, 2018 [1929].

VOLÓCHINOV, V. N Nikoláievitch. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo E Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019 [1930].

Jucileide Maria Oliveira Cândido, Manassés Morais Xavier. Discurso religioso acerca do autismo: forças centrípetas e centrífugas em interações no *Instagram*.

XAVIER, M. M. **Educomunicação em perspectiva dialógico discursiva**. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFPG, 2020.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2025

Aceito em: 25 de junho de 2025